



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JANIKELY CÉSAR RODRIGUES

**IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO
PROFESSOR DE GEOGRAFIA: RELATO DA EXPERIÊNCIA NA E. E. F. M.
PROFESSOR EDGARDO JÚLIO, GUARABIRA/PB**

**GUARABIRA/PB
2019**

JANIKELY CÉSAR RODRIGUES

**IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO
PROFESSOR DE GEOGRAFIA: RELATO DA EXPERIÊNCIA NA E. E. F. M.
PROFESSOR EDGARDO JÚLIO, GUARABIRA/PB**

Trabalho apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Linha de pesquisa: Metodologias do Ensino de geografia (Ensino fundamental e médio).

Orientadora: Prof. Me. Michele Kely Moraes Santos Souza

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R006i Rodrigues, Janikely Cesar.
Importância do estágio supervisionado para a formação do professor de Geografia [manuscrito] : relato da experiência na E. E. E. F. M. Professor Edgardo Júlio, Guarabira/PB / Janikely Cesar Rodrigues. - 2019.
36 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Michele Kely Moraes Santos Souza, Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Formação Inicial. 2. Estágio Supervisionado. 3. Ensino-Aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 371.12

JANIKELY CÉSAR RODRIGUES

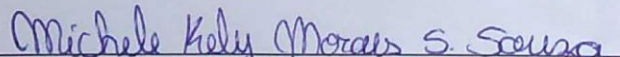
**IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO
PROFESSOR DE GEOGRAFIA: RELATO DA EXPERIÊNCIA NA E. E. F. M.
PROFESSOR EDGARDO JÚLIO, GUARABIRA/PB**

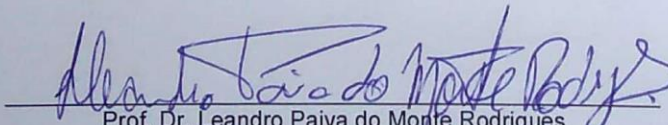
Trabalho apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

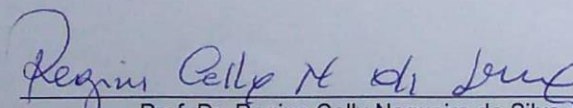
Linha de pesquisa: Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino fundamental e médio).

Aprovada em: 21/11/2019

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Michele Kely Moraes Santos Souza (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Regina Celly Nogueira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, que me concedeu a vida, me guiou, me sustentou e me deu forças para superar as dificuldades vivenciadas, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a vida, me dar forças diante das dificuldades, me consolar em momentos de aflição, nervosismo e angústia, por permitir a oportunidade de ingressar no curso de Geografia e agora concluir.

Agradeço a minha família em especial a meus pais Elenice e João e meus avós Maria do Rosário e João por serem meus exemplos de pessoas a seguir, me educaram e me conduziram sempre para o caminho certo. Agradeço também a Leonardo por toda paciência e sempre está disposto a me escutar.

Agradeço a todos meus professores desde os do ensino fundamental em especial professora Gorete por me ensinar a ler e escrever com tanta dedicação e carinho, aos professores do ensino médio e do curso superior pelo compromisso com a educação e por compartilharem seus conhecimentos e me auxiliar no processo de aprendizagem.

Agradeço aos professores Fabio Dantas, Ivanildo, Leandro, Glicerinaldo, Lanusse como também as professoras Regina, Juliana, Aletheia, Cleoma, enfim a todo corpo docente da instituição agradeço pela dedicação e comprometimento com a formação dos futuros professores.

Quero agradecer também ao professor Luiz Arthur por sempre está disposto a ajudar, sempre indicando e incentivando leituras.

Agradeço a minha orientadora Michele Kely pela paciência, dedicação, por sempre estar presente, compartilhando seu conhecimento e me orientando qual caminho seguir nos momentos que não sabia mais o que fazer. Minha gratidão por ter aceitado me orientar na construção deste trabalho mesmo tendo inúmeras responsabilidades.

E não poderia deixar de agradecer a meus colegas de curso, em que juntos compartilhamos tantos momentos de alegria, tristeza, nervosismo. Em especial agradeço a Ana Claudia, Erica, Fernanda, Paula Dayana, Anderson e Andrey, por sempre se demonstrarem amigos e dispostos a ajudar. Espero que a nossa amizade seja além da UEPB e para a vida toda.

Agradeço a todos os funcionários da UEPB, os da limpeza, da biblioteca e em especial os da Coordenação do curso de Geografia, por sempre serem atenciosos, dispostos a ajudar e tirar minhas dúvidas.

043 – LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TÍTULO: IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: relato da experiência na E. E. E. F. M. Professor Edgardo Júlio, Guarabira/PB.

LINHA DE PESQUISA: Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino fundamental e médio).

(AUTORA): Janikely César Rodrigues.

(ORIENTADORA): Prof. Me. Michele Kely Moraes Santos Souza.

(EXAMINADOR): Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

(EXAMINADORA): Prof. Dr. Regina Celly Nogueira da Silva.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a importância do estágio supervisionado para a formação inicial do professor, com base nas experiências do estágio supervisionado em Geografia III do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB – Campos de Guarabira, realizado na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor Edgardo Júlio, no mesmo município paraibano, no turno da tarde em turmas do ensino médio. Na perspectiva metodológica primeiramente foi realizado uma pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica deste trabalho abordando sobre a formação inicial, a importância desta componente curricular, o estágio supervisionado, como também uma breve reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem de Geografia e em um segundo momento foi relatado a estrutura física da escola qual foi realizado o estágio e as atividades de observações e regências. Considerando que é só a partir de tais atividades que muitos dos licenciandos poderão observar e ministrar aulas demonstra-se a importância desta componente curricular, pois é essencial durante a formação esta articulação entre a teoria com a prática, a troca de conhecimentos e experiência de um professor já formado e que atua na educação básica com o professor em formação.

Palavras chaves: Formação inicial; Estágio Supervisionado; Ensino-aprendizagem.

043 – FUUL DEGREE IN GEOGRAPHY

TITLE: IMPORTANCE OF SUPERVISED STAGE FOR GEOGRAPHY TEACHER

TRAINING: Reporting of experience in E. E. E. F. M. Teacher Edgardo Júlio, Guarabira/PB.

LINHA DE PESQUISA: Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino fundamental e médio).

(AUTHOR): Janikely César Rodrigues.

(ORIENTER): Prof. Me. Michele Kely Moraes Santos Souza.

(EXAMINER): Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

(EXAMINER): Prof. Dr. Regina Celly Nogueira da Silva.

ABSTRACT

This academic work aims to present the importance of supervised internship for initial teacher education, based on the experiences of supervised internship in Geography III, held at the Edgardo Julio Elementary and High School State School, in the afternoon shift in high school classes. Firstly, a bibliographic research was carried out for the theoretical basis of this work addressing the initial formation, the importance of this curricular component, the supervised internship, as well as a brief reflection on the teaching and learning process of Geography and in a second moment it was reported to physical structure of the school which was the internship and the activities of observations and conducting. Considering that it is only from such activities that many of the undergraduates will be able to observe and teach classes, the importance of this curricular component is demonstrated, as this articulation between theory and practice, the exchange of knowledge and experience of a teacher already trained and working in basic education with the teacher in formation.

Keywords: Initial formation; Supervised internship; Teaching-learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – E. E. E. F. M. Professor Edgardo Júlio.....	23
Figura 2 – Sala de aula	23
Figura 3 – Secretaria	24
Figura 4 – Sala de professores e biblioteca	24
Figura 5 – Livro didático do 1° ano.....	28
Figura 6 – Capítulo 10 do Livro didático	28
Figura 7 – Jogo da velha	29
Figura 8 – Alunos participando do jogo da velha	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	Formação inicial do professor de Geografia	10
2.2	A Importância do estágio supervisionado	13
2.3	Ensino e aprendizagem de geografia	18
3	RELATO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA III	22
3.3	Caracterização da E. E. E. F. M. Professor Edgardo Júlio	22
3.2	Período de observação	25
3.3	Período de regência	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Existe todo um tempo de preparação para se exercer uma profissão. Da mesma forma, ocorre para ser um professor no sistema de educação básica, seja ela pública ou privada, em que os licenciandos estão sendo preparados para exercerem seu ofício. Em uma licenciatura plena em Geografia está se formando futuros professores: durante a formação, o educando tem contato com diferentes conteúdos teóricos da ciência geográfica e também referentes à didática, ou seja, ao ensino-aprendizagem de Geografia.

Ter domínio da ciência geográfica é de grande importância, mas saber ensinar os conteúdos vistos em sala de aula na universidade para alunos da educação básica também é indispensável durante a construção do futuro professor. Assim, para uma formação docente efetiva, faz-se necessário ter experiência no seu campo de atuação, como destacam Saiki e Godoi (2010, p. 29): “É o estágio tanto de observação e participação como de regência que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional”.

É através desta componente curricular que os alunos de licenciatura, tem a oportunidade de sair da sala de aula da universidade, para ir as escolas de ensino básico. Mas agora retornam com novas responsabilidades enquanto professor em formação inicial, em que poderá observar e ministrar aulas, é o momento de desenvolver a teoria na prática, analisar a aprendizagem e participação dos alunos nas aulas, como também conversar com professores que atuam no ensino fundamental e médio, verificar a realidade das escolas, sua estrutura física, materiais didáticos disponíveis, entre outras coisas.

Considerando que é a partir de tais atividades, seja ela de observação ou de regência que uma parcela dos alunos de licenciatura tem o primeiro contato com sua futura profissão, torna assim esta, uma componente curricular importante e essencial para a formação do futuro professor. Pois permite ao graduando fazer uma autoavaliação das experiências obtidas em sala de aula durante as observações como nas aulas ministradas e pensar sobre os acertos e os erros em busca de soluções para melhorar cada vez mais as suas aulas durante os estágios e quando estiver formado, atuando como docente.

Mas em alguns casos, esta componente é desvalorizada por parte dos licenciandos, sendo realizada “apenas por obrigação” e sem a devida valorização que ela realmente representa para a formação. As componentes curriculares Estágio Supervisionado em Geografia I, II, III devem ser desenvolvidas com seriedade e dedicação. Pois como ressalta Lima (2010) uma trajetória centrada apenas em leituras de livros, artigos ou na produção destes não é o suficiente para a formação e desenvolvimento dos futuros professores.

Assim o presente trabalho tem como objetivo analisar a importância do estágio supervisionado para a formação inicial, com base nas experiências do Estágio Supervisionado em Geografia III do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba do Centro de Humanidades, realizado em uma escola pública que teve a duração de seis semanas em que foram realizadas as atividades de observações nas turmas de ensino médio e as de regências nas turmas de 1º ano “A” e “B” no período da tarde na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor Edgardo Júlio, localizada em Guarabira/PB. Com a intenção de trazer reflexões sobre a importância desta componente curricular que permite relacionar a teoria e a prática no âmbito escolar e relatar a aprendizagem vivenciada.

Para a realização desta pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico, com leitura de livros e artigos científicos produzidos por diferentes autores que se dedicam a trabalhar em pesquisas referente à temática, como Cavalcanti (2012), Callai (2007), Cereja; Fernandes; Estêvez (2010), Saiki; Godoi (2010), Richter (2013), Pimenta; Lima (2012), entre outros autores. Que assim fundamentaram as discussões sobre a formação inicial e a importância desta componente curricular, estágio supervisionando, apresentando as dificuldades existentes na prática e como é fundamental também refletir sobre o ensino e aprendizagem de Geografia. Em seguida será relatado as atividades de observação que teve seu início no dia 02/10/2018 onde pudemos observar as aulas da professora da educação básica, a relação professor e aluno e os recursos didáticos que eram utilizados em sala de aula. Como também será relatado a experiência da regência que teve seu início no dia 23/10/2018 onde pôde-se vivenciar à docência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Formação inicial do professor de Geografia

Durante o curso de licenciatura plena em Geografia, os graduandos na sala de aula da universidade leem textos, artigos e livros, discutem, debatem e adquirem conhecimentos teóricos produzidos por diferentes estudiosos tanto da ciência geográfica como da didática, mas no curso de formação de professores, nem sempre existiu esta relação entre os conteúdos científicos com os de cunho didático: estes se constituíam a partir de cursos de formação de bacharéis, em que se acrescentava um ano a mais no curso com disciplinas da área da educação para a obtenção da licenciatura (GATTI, 2010). Este tipo de formação ficou conhecida como “modelo 3+1”, uma formação fragmentada sem contextualizar de forma significativa a ciência a qual o professor iria lecionar com os saberes do ensino.

Foi a partir da década de 1990 que o quadro educacional no país recebeu importantes mudanças: a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, LDBEN 9.394/96 estabeleceu novas medidas e propostas para o ensino básico e para a formação de professores com o objetivo de desenvolver projetos em busca de melhorias para o âmbito educacional. Referente a formação docente, a LDB atribuiu

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996).

Essa e outras diretrizes trouxeram para o curso de formação de professores novas perspectivas, onde sua formação inicial partirá de uma licenciatura plena, com uma grade curricular própria, valorizando tanto as especificidades da ciência geográfica, no caso de professores de Geografia, como também os componentes curriculares da didática e da prática, essas mudanças buscam superar o antigo modelo de formação “3+1”. É a partir dessa vivência na academia que o graduando começará a se constituir como docente. Assim, em um “curso de formação de professores, todas as disciplinas de fundamento e de didática devem auxiliar para a análise e crítica de novas possibilidades de fazer educação” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 44). Sobre educação Cavalcanti compreende que

a educação é um fenômeno complexo, entende-la, e mais ainda, atuar conscientemente nesse âmbito exige muito conhecimento, muita reflexão e sensibilidade para tomar decisões, estabelecer metas, elaborar propostas, transformar situações “indesejadas” em realidade mais coerentes com o projeto social definido (CAVALCANTI, 2012, p. 22-23).

Na atualidade, o processo educacional se torna ainda mais complexo, em que se verificam constantes mudanças no mundo, marcado cada vez mais pela evolução tecnológica e onde parte da sociedade tem acesso às “infinitas” informações exigindo, assim, cada vez mais habilidades e conhecimentos do professor durante a prática docente. Com a internet, por exemplo, temos à nossa disposição “com apenas um toque de tecla” acesso a diferentes informações em curto espaço de tempo (NISHIBA; PUERTA, 2010).

Os alunos, enquanto estudantes de licenciatura, devem analisar, compreender, refletir sobre a educação na atualidade e pensar soluções para as diferentes circunstâncias que poderão se deparar ao longo de sua docência, impondo, assim, a necessidade de reflexões e mudanças com relação à formação do professor, considerando as novas requisições presentes na sociedade. Em uma sociedade instável em diferentes contextos e com a produção de conhecimento constante, é preciso compreender as novas exigências para a formação docente (CAVALCANTI, 2012).

Durante a formação inicial, há alguns obstáculos a serem superados e um destes, conforme Cavalcanti (2012, p. 28), diz respeito à “afirmação de que, para ensinar basta saber o conteúdo a ser ensinado, uma vez que desconsidera outros tipos de saber próprios da docência”. Com relação a isto Soares; Cunha relatam que

apesar de bastante difundida a crença de que o domínio dos conhecimentos específicos do campo científico ou profissional assegura a transposição para uma efetiva aprendizagem do estudante, a ausência de saberes pedagógicos limita a ação do docente e causa transtornos de naturezas variadas ao processo de ensinar e aprender (SOARES; CUNHA, 2010, P. 24).

Até os dias atuais está presente esse pensamento referente ao ensino e muitas vezes, os estudantes, durante a graduação, prendem se apenas aos conteúdos da ciência geográfica como se este fosse o único elemento presente e importante para o trabalho docente, desvalorizando as outras componentes curriculares relacionadas à área de ensino. Como bem destaca Bento,

os professores em geral, precisam administrar melhor a ideia de que sua prática profissional lhes exige dois pré-requisitos: por um lado o de ter domínio do conteúdo a ser ensinado por eles e, por outro lado, o de ter domínio dos elementos pedagógico-didáticos, além de outros saberes relevantes, para que, de fato, eles possam encaminhar seu trabalho de modo que os alunos aprendam o que eles querem lhes ensinar (BENTO, 2015, p. 178).

Ter domínio dos conteúdos da Geografia é de grande importância, mas este é apenas um dos eixos que compõe a docência: é essencial que, durante a formação, se reflita sobre o processo de ensino e aprendizagem, buscando apontar quais metodologias podem ser utilizadas e desenvolvidas para melhor aprendizagem de determinados conteúdos. Para Paulo Freire (2010), um dos saberes indispensáveis durante a formação é assumir-se como sujeito também da produção do conhecimento e que aprenda que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

No decorrer do curso de licenciatura, surgem algumas indagações sobre a profissão, como o que é ser professor, como desenvolver os conteúdos vistos na universidade em sala de aula de ensino fundamental e médio e qual a sua função. Segundo Aquino Junior,

a função do professor é de orientar a investigação, colocar questões para que ela progrida, auxiliar com fornecimento de fontes e informações, assim como colocar desafios para que o aluno perceba as diferentes perspectivas possíveis do problema em estudo (AQUINO JUNIOR, 2010, p. 81).

Como bem fundamenta o autor, é importante, desde a graduação, que os futuros professores tenham esta consciência de sua função enquanto professor, sendo esta sua função principal de mediar e proporcionar aos seus alunos ferramentas cognitivas para a produção do conhecimento. Mas é essencial também entender que o professor vai se aperfeiçoando com o tempo, Martins compreende que

se constituir professor é um processo longo e complexo que é consolidado, gradativamente, nas experiências que vão sendo construídas, através da socialização de conhecimentos e da mobilização dos diversos saberes da profissão docente (MARTINS, 2015, p. 239).

Como destaca a autora à docência demanda tempo e responsabilidade por parte do licenciando. E é através das experiências que se pode desenvolver habilidades e reflexões sobre a sua profissão e estas experiências pode se ter início durante o estágio supervisionado, sendo assim esta componente importante.

2.2 A importância do Estágio Supervisionado

É na prática e na vivência de diferentes situações que os licenciandos poderão desenvolver habilidades referentes à sua profissão. Por isso, um dos momentos

importantes durante a graduação é quando se iniciam os estágios. Segundo o parecer CNE/CP 28/2001 (BRASIL, 2001, p. 10), o estágio deve ser entendido

como o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim, o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. Por isso é que este momento se chama de estágio curricular supervisionado. (BRASIL, 2001, p. 10)

O estágio é uma componente obrigatória presente na grade curricular do curso de licenciatura. No curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB – Campos Guarabira, os estágios se dividiam em: Estágio Supervisionado em Geografia I o qual é destinado para observação no ensino fundamental II. Estágio Supervisionado em Geografia II, sendo este dividido em semanas de observação e de regência no ensino fundamental II. E Estágio Supervisionado em Geografia III, este desenvolvido no ensino médio e que também é dividido em semanas de observação e depois de regência.

Esta componente curricular permite ao estudante observar as aulas e depois vivenciar a docência por meio de um docente já formado que atua na educação básica e cede sua sala de aula e seu tempo durante os estágios para professores em formação inicial. Mas, antes de sua realização, há alguns entraves: um deles é encontrar uma escola e professor que aceite os estagiários como bem relatam Gonçalves Junior; Ferraz

Das três professoras de geografia, uma disse imediatamente que não iria trabalhar com estagiários naquele ano, pois nas experiências anteriores havia percebido que os alunos mudam suas atitudes com a presença de estagiários, dificultando o trabalho diário (GONÇALVES JUNIOR; FERRAZ, 2010, p. 87).

É uma realidade de muitos estudantes de licenciatura esta dificuldade de encontrar uma escola e um professor ou professora de Geografia que aceite estagiários, pois muitos afirmam que os alunos não se comportam com a presença de estagiários, ficam agitados durante as aulas e não prestam atenção ou que os estagiários não tiveram ou tem responsabilidade: só queriam as assinaturas e avaliações do professor supervisor, desta forma, faltando com o compromisso e os estágios, fazendo com que os professores da escola não queiram mais aceitar estagiários.

E quando se encontra um professor supervisor que aceite estagiários, este, às vezes, nem é formado na ciência a qual atua como professor ou, às vezes, passou muitos anos sem ensinar e não permaneceu em uma formação continuada durante o período que ficou afastado da sala de aula e, em alguns casos, também tem aqueles professores que já estão ensinando há muitos anos e que estão cansados “sonhando com a sua aposentadoria”, não suprimindo todas as expectativas a qual o estagiário pretendia observar e aprender. O professor da escola adquiri responsabilidade ao aceitar estagiários pois estes estão ali para assistir e depois para desenvolver as aulas, para aprender com o professor supervisor (MALYSZ, 2010).

Para Martins (2015, p. 238) “o professor regente da educação básica também atua como formador de professores, transmitindo seus saberes profissionais, constituídos ao longo da sua experiência em sala de aula”. Estar com um professor da educação básica que tenha dedicação e cuidado com o aluno que está em uma graduação de licenciatura e que auxilie ele/ela durante os estágios será um processo de prática e aprendizagem bem mais significativo. A autora fala do papel fundamental que o professor regente da educação básica tem para a formação dos licenciandos:

ele desempenha função relevante junto aos alunos estagiários, pois ao ceder seu espaço de sala de aula favorece o contato com esta realidade que é fundamental à aprendizagem dos licenciandos; além de fazer um acompanhamento direto e todas as atividades realizadas neste espaço com as crianças e adolescentes, alunos que fazem parte da sala de aula (MARTINS, 2015, p. 239).

O professor da escola responsável e disposto a ajudar os estagiários orientará os graduandos durante sua regência, norteará sobre quais conteúdos serão ministrados e como desenvolver em sala de aula, quais recursos utilizar, pois, como destaca Malisz (2010), os universitários, durante seus estágios, por não ter experiência, apresentam dificuldades em desenvolver os conhecimentos científicos vistos na universidade em uma sala de aula da educação básica. O professor supervisor da escola em que o aluno estagiará realiza uma atividade importante para a formação inicial e tem como “objetivo o desenvolvimento profissional de futuros professores, cabe a orientação de práticas e posturas, além de conduções teóricas frente às exigências da função docente” (PIMENTEL; PONTUSCHKA, 2015, p. 53).

Durante a prática, é importante a troca de conhecimentos entre professores formados e os professores em formação inicial, escutar os relatos dos alunos, auxiliar e orientar a superarem as dificuldades que surgem durante os estágios, trocando

experiências e os ajudando a refletir e buscar soluções para as diferentes situações desconfortáveis que surgirem ao longo desse processo. Segundo Tardif “cotidianamente, os professores partilham seus saberes uns com os outros através de material didático, dos macetes, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula e etc” (TARDIF, 2010, p. 52-53). Essas trocas são essenciais pois um docente ajuda o outro na sua prática compartilhando suas experiências e materiais didáticos que auxiliem no ensino dos conteúdos para uma melhor aprendizagem.

Sobre o estágio, Pimenta; Lima ressaltam que “[...] é a atividade teórica de fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. Ou seja é no contexto da sala de aula, da escola do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 45). É atuando e compreendendo todos estes pontos que as autoras ressaltam que o futuro docente compreenderá sua profissão e conseguirá exercê-la com mais segurança e propriedade. Para Martins o estágio é

um componente curricular obrigatório que oportuniza, ao estudante, o desenvolvimento de aprendizagens significativas para ampliar as competências e habilidades indispensáveis à formação dos licenciandos e sua relação com a profissão e profissionalidade docente (MARTINS, 2015, p. 243).

Assim, compreende-se o quanto importante é este componente curricular durante a formação inicial. É na prática e na vivência na escola com professores que já trabalham em sala de aula, que os estudantes de licenciatura vão compreender o contexto presente no meio escolar. Sobre a prática, Tardif entende que

a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que lhes pode servir de uma maneira ou de outra (TARDIF, 2010, p. 53).

E como bem ressaltava Freire (2010, p. 39) é importante pensar sobre a prática, pois, é “pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. É a partir das experiências obtidas que o futuro docente poderá ir se aperfeiçoando e melhorando suas atividades realizadas na escola. As autoras Macenam; Tozetto; Brandt, compreende que

Quando o professor analisa a própria prática faz com que ele visualize o seu trabalho em uma dimensão mais ampla e reflexiva. A reflexão crítica pautada no conhecimento científico possibilita a emancipação do professor perante as atividades desenvolvidas e a mecanização cede espaço para a razão, a consciência das condições da docência e a capacidade de transformações. (MACENHAM; TOZETTO; BRANDT, 2016, p. 508).

Durante as aulas de componentes curriculares como prática pedagógica, metodologia do ensino e didática os futuros docentes obtêm os conhecimentos teóricos referente a educação e sobre o ensino, e em conjunto o professor da universidade os discentes relacionam diferentes situações existentes no âmbito escolar, mas é só a partir do contato com a escola e com a sala de aula que o futuro professor poderá vivenciar de forma concreta aquilo que foi imaginado e até o que nem foi pensado durante as discussões feitas nas aulas destas componentes.

O Estágio Supervisionado em Geografia permite ao licenciando fazer esta integração entre a teoria e a prática, este é o momento de aprender como é a realidade de sua futura profissão, sendo assim, este é um instrumento fundamental durante a licenciatura e que não deveria ser realizado apenas por ser um componente curricular obrigatório (SAIKI; GODOI, 2010), mas as vezes os estudantes de licenciatura não valorizam esta componente curricular e realizam sem vontade, só por obrigação.

E este não deve ser realizado de qualquer forma, pois, para que o licenciando obtenha um desempenho efetivo, e uma aprendizagem mais significativa é essencial, durante os estágios ir além de reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem de Geografia, devem considerar as diferentes partes que compõe o calendário escolar (SAIKI; GODOI, 2010). A docência não se limita a dar aulas: tem que saber ensinar, planejar as aulas, estudar os conteúdos, saber diferenciar o nível dos conteúdos de acordo com cada série, refletir como será a avaliação, entre outras questões.

Desta forma, os discentes devem aproveitar ao máximo esta oportunidade, de retornarem às escolas pois já estiveram em sala de aula como alunos, mas agora está retornando como um professor em formação inicial, tendo novos desafios a serem superados. E durante a sua formação, a prática é um dos momentos essenciais para se ter consciência do que é ser professor e das responsabilidades que demanda esta profissão, sendo assim, fundamental fazer reflexões e críticas sobre a prática olhando os erros e acertos buscando se aperfeiçoar para suprir as exigências presentes para o professor na atualidade.

E assim quando chegar o momento e a oportunidade de exercer sua profissão, ou seja, de ensinar Geografia o docente a partir de suas experiências adquiridas durante os estágios já terá noções sobre como ministrar suas aulas, como se relacionar diante os alunos.

2. 3 Ensino e aprendizagem de Geografia

Considerando que durante o curso de licenciatura plena em Geografia estamos aprendendo para ensinar, se faz necessário pensarmos sobre o ensino e aprendizagem desta ciência, compreendermos qual a sua função e também refletirmos sobre metodologias que torne o seu ensino mais significativo.

De acordo com Callai (2010, p. 17) “a geografia escolar, assim como a ciência geográfica, tem a função de estudar, analisar e buscar as explicações para o espaço produzido pela humanidade”. A partir dos conceitos estudados nesta disciplina os alunos terão a oportunidade de estudar as diferentes relações existente no espaço geográfico, pois como complementa a mesma autora, a geografia enquanto matéria de ensino

cria as condições para que o aluno se reconheça como sujeito que participa do espaço em que vive e estuda, e que pode compreender que os fenômenos que ali acontecem são resultado da vida e do trabalho dos homens em sua trajetória de construção da própria sociedade demarcada em seus espaços e tempos (CALLAI, 2010, p. 17).

Partindo dessa premissa, colocamos aqui que a Geografia enquanto ciência que estuda as questões presentes no espaço como estrutura fundiária, estrutura urbana, industrialização e vários outros conceitos que são abordados em sala de aula que podem ser relacionados em diferentes escalas, desde o local ao global, permite aos alunos obter um olhar mais crítico frente as problemáticas e contradições existente na sociedade.

Assim traz para o professor de Geografia esta responsabilidade de contribuir na formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos capazes de analisar, compreender e questionar as relações existentes no mundo, sejam elas por fatores naturais ou ocasionados pela ação do homem.

Para a construção de um ensino mais significativo, o professor não pode priorizar práticas em que o ensino tenha como base metodologias que valorizam a memorização de dados e informações sem nenhuma reflexão com a realidade dos alunos. Porém, muitas vezes o professor ainda considera o aluno como se este fosse deslocado do mundo que vive e fosse neutro (CALLAI, 2007). De acordo com Melo,

o ensino formal tem a função de proporcionar ao aluno recursos instrumentais e humanos que o orientem na construção do seu conhecimento, de modo que ele faça parte do processo de ensino e aprendizagem como sujeito, e não fique passivo e alienado (MELO, 2010, p. 96).

O ensino desenvolvido no ambiente escolar tem esta função de possibilitar que os alunos construam suas próprias concepções sobre o conteúdo estudado. Assim o docente sendo este um dos agentes responsáveis pelo ensino deve abrir espaço para o diálogo e troca de conhecimento.

Contudo para que se desenvolva uma educação que abranja as expectativas geradas para um ensino mais significativo e que os alunos participem deste processo, é essencial compreender que

O desenvolvimento do trabalho docente está muito além de uma reprodução de um determinado conteúdo, é uma busca por “construir” uma visão de mundo para que o mediado conheça os conceitos e os conteúdos de uma determinada disciplina, e saiba transpor esse conhecimento para o seu cotidiano (SACRAMENTO, 2015, p. 12).

Ao longo do tempo, tem se desenvolvido diversos questionamentos sobre a forma como as aulas estão sendo ministradas pois “alguns professores ministram suas aulas de forma expositiva seguindo uma geografia altamente descritiva e totalmente dependente do livro didático” (KLIMEK, 2010, p. 119). Com relação ao uso do livro didático como bem relatam Paiva; Santos Sobrinho; Costa:

o que se percebe com frequência nas salas de aula é que os profissionais do ensino utilizam os livros como o único instrumento pedagógico, e passam apenas a reproduzir o que está nele escrito, muitas vezes a realidade disponível do material não coincide com a realidade do seu público alvo (PAIVA; SANTOS SOBRINHO; COSTA, 2013, p. 71).

Muitas vezes os docentes ficam presos ao livro didático e ministram suas aulas anos após anos utilizando apenas este único recurso didático, e apresentam as informações contidas nos livros como única referência para o assunto estudado, sem fazer nenhuma contextualização com o conhecimento dos alunos, fazendo com que as aulas sejam consideradas chatas.

Outra crítica bem presente referente a este recurso como bem relatam os autores, diz respeito ao conteúdo presente nos livros, por muitas vezes, tais conteúdos abordados apresentarem dados de lugares, regiões distantes e não representarem nenhuma conexão com a vivência e realidade dos alunos. Assim, com relação a isto

[..] cabe ao professor relacionar os conteúdos as diferentes realidades e cotidianos dos alunos, tornando assim uma aula que exista diálogo e não apenas a reprodução do que está escrito no livro, sem associação com a realidade vivenciada (PAIVA; SANTOS SOBRINHO; COSTA, 2013, p. 72).

Ao planejar a sua aula, o professor tem inúmeras responsabilidades e dentre elas fazer uma análise dos conteúdos que serão desenvolvidos em sala de aula. É importante relacionar os conteúdos que estão sendo ministrados com o cotidiano dos

alunos, pois trazer elementos presentes no dia a dia dos alunos é uma possibilidade de mediar a aprendizagem de uma forma mais significativa e de melhor entendimento para os alunos (SACRAMENTO, 2015).

Apesar dessas considerações feitas ao uso e aos conteúdos dos livros didáticos este é um recurso importante durante o processo de ensino e aprendizagem, sabendo da realidade de muitas escolas públicas, em que este é o único recurso impresso disponível na sala de aula para os alunos (PAIVA; SANTOS SOBRINHO; COSTA, 2013).

Considerando o cenário da sociedade atual o professor, durante sua carreira profissional, não pode se prender a um único material didático: deve se atualizar e buscar novas metodologias para o processo de ensino-aprendizagem de Geografia, como fundamenta Calado

Partindo-se do pressuposto de que a contemporaneidade exige por parte do professor inovações no que concerne ao uso dos recursos didáticos e tecnológicos em sala de aula, e no tocante as diferentes transformações sociais, tecnológicas e científicas que a sociedade atual vem passando, entende-se nesse contexto histórico contemporâneo, a necessidade de inserir no ensino de geografia, novas tecnologias como ferramenta para superar os desafios postos tanto no que concerne o ensino, quanto a aprendizagem dos alunos. (CALADO, 2012, p. 16).

Com o avanço tecnológico desenvolveu-se diferentes ferramentas que estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, que permitem obter diversos conhecimentos cada vez mais rápido. Diante desta realidade

Os profissionais da Educação têm, diante de si, o desafio de ensinar numa sociedade na qual os espaços de aprendizagens foram expandidos e/ ou democratizados. Notamos, assim, uma mudança no nível do comportamento social. O “novo” aluno reclama da mesmice da escola com seus espaços e tempos rígidos e isso se evidencia na indisciplina, no desinteresse em relação às atividades propostas, enfim, no comportamento indiferente do aluno na escola (BARBOSA, 2016, p. 85)

Na atualidade, se tem inúmeros recursos que podem ser utilizados pelo professor e que estão presentes na vida de muitos alunos e que podem torna as aulas mais dinâmicas e atrativas, saindo do tradicional de aulas expositivas.

Considerando que algumas escolas estão tendo acesso a estes recursos, como data show, computadores, TV, DVD, micro system e entre outros recursos, o professor tem a possibilidade de ministrar aulas com o auxílio de jogos, músicas, passar vídeo documentário, filme, utilizar slides, imagens, revistas, jornais, fazer pesquisas em sites. Mas é importante ressaltar que nem todas as escolas disponibilizam estes

recursos, principalmente nas escolas públicas é bem limitado, por ter geralmente só um disponível para todo corpo docente escolar.

Mas vale ressaltar que estas novas linguagens no ensino trazem novas competências ao docente como bem destacam, Nishiba; Puerta (2010, p. 126) “a multimídia, com toda a facilidade e multiplicidade de possibilidades, traz uma nova responsabilidade ao professor, que precisa se utilizar e ser pesquisador também dessa nova ferramenta”.

O professor precisa ser um pesquisador durante sua prática docente, saber manusear e conferir sites com informações seguras para orientar seus alunos em suas pesquisas de trabalhos escolares e utilizar todas estas ferramentas didáticas da melhor forma, para que venha a somar nas aulas e os alunos possam aprender melhor os conteúdos.

No que diz respeito a novas metodologias para o ensino a introdução de jogos, sejam eles online ou de tabuleiro são atrativos e bem aceitos pelos alunos, considerando que, “fora da sala de aula, os pré-adolescentes, adolescentes e jovens brincam muito” (CHALITA, 2015, p. 149). contudo

ao lado da possibilidade de melhorar a motivação dos alunos em aprender, o professor precisa estar atento para que a introdução do jogo seja cuidadosamente planejada na promoção da aprendizagem dos conhecimentos conceituais e procedimentais necessários para a disciplina na série em que trabalha (KLIMEK, 2010, p. 120).

Os jogos estimulam os alunos a participarem das aulas de uma forma atrativa, mas assim como qualquer outro recurso utilizado na sala de aula, a introdução de jogos deve ser bem preparada e adequando o lúdico para a sala de aula (CHALITA, 2015). Juntamente com a vontade de querer trazer novos recursos didáticos o professor deve ser ciente que “não são recursos didáticos que transformam aulas de reprodução em aulas de construção” (VIERA; SÁ, 2010, p. 103) e sim a forma como o professor se utiliza de cada recurso didático.

É preciso inovar as aulas, que o professor saia um pouco da sua área de conforto que é chegar em sala de aula abrir o livro fazer as leituras e depois passar atividades, manter os alunos calados e busque ensinar Geografia proporcionando aulas mais dinâmicas fazendo com que os alunos participem, tirem suas dúvidas e falem o que já sabem dos conteúdos estudados.

Como ressalta Paulo Freire (2010, p. 56-57), “a educação que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização

mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se”. É a curiosidade que estimula o aluno a querer estudar e conhecer o objeto estudado, desta forma, o professor não deve trazer conteúdos prontos sem nenhuma reflexão ou diálogo com os alunos. Como sugere Pontuschka

na sala de aula o professor deve considerar o que os alunos e o professor já sabem sobre os conteúdos e os conceitos em foco e, a partir daí, desenvolver o processo de reflexão com o objetivo de aprender a realidade em suas múltiplas determinações e com a finalidade última de domínio dos meios de produção do saber (PONTUSCHKA, 2013, p. 446-447).

Durante as aulas é essencial que os professores levem em consideração o que seus alunos já sabem sobre o assunto, sempre respeitando a visão dos alunos, os estimulando a querer estudar, aprofundar seus conhecimentos e responder suas inquietações e curiosidades.

Mas, para que isto ocorra, é imprescindível a colaboração dos alunos “é preciso que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas de receptor do que lhe seja transferido pelo professor” (FREIRE, 2010, p. 124). O aluno deve parar de ser plateia e começar a ser autor de sua aprendizagem.

O processo de ensino e aprendizagem é um trabalho em conjunto entre professor e aluno, onde “a sala de aula deve ser um espaço de construção e troca de conhecimento, onde se ensina e se aprende” (MOREIRA; SILVA; FERREIRA, 2010, p. 73). O educando tem que antes de tudo querer aprender, participar das aulas, tirar dúvidas se posicionar, mostrar sua visão sobre o tema trabalhado. A responsabilidade de construção da aprendizagem não é só do docente, mas também dos alunos e da escola como um todo.

A docência demanda inúmeras responsabilidades e estas podem ser já notadas e vivenciadas durante a licenciatura em especial nas componentes de Estágio Supervisionado, assim na seguinte seção será relatado a vivência do Estágio supervisionado em Geografia III.

3. RELATO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA III

3.1 Caracterização da E. E. E. F. M. Professor Edgardo Júlio

A escola para a realização do componente curricular Estágio supervisionado em Geografia III que teve seu início em 02/10/2018 à 06/11/2018 foi a Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor Edgardo Júlio (figura 1), localizada na Rua Hermanegildo Cunha, S/N. A diretora da escola é Mônica Macena Soares.

Na escola tem 560 alunos matriculados, sendo dividido da seguinte forma, 195 alunos no ensino fundamental, 250 no ensino médio e 115 matriculados na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola é formada por 29 professores, que trabalham tanto no ensino fundamental, como no médio e no EJA. Sendo destes professores, dois de Geografia, um professor para o ensino fundamental e uma professora para o ensino médio e está também ensina na EJA. Na equipe técnica-pedagógica há apenas a diretora e a esta é designada a inúmeras responsabilidades.

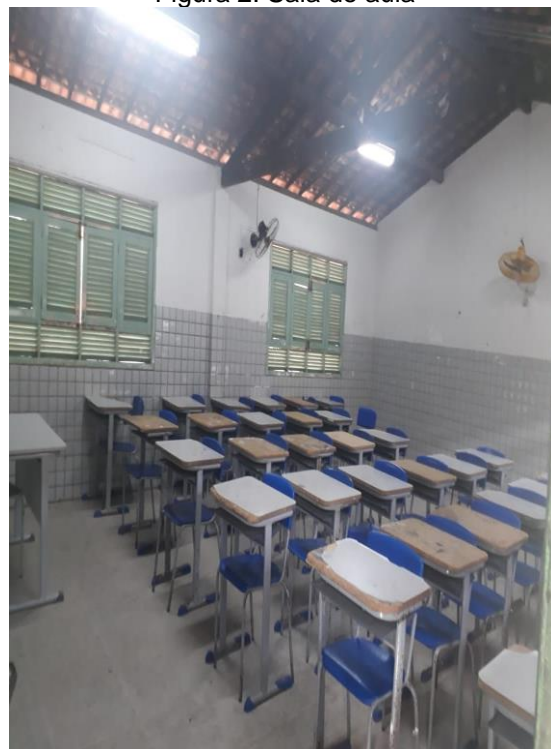
A estrutura física da escola está em boas condições sendo composta por 7 salas de aulas, em que há carteiras suficientes para todos os alunos sendo que algumas estão danificadas, porém ainda podem ser usadas, mas infelizmente sabemos que muitas vezes são os próprios alunos que riscam e até quebram suas cadeiras e carteiras. (figura 2). Para os professores, também há carteiras e armários suficientes e também materiais didáticos.

Figura 1: E. E. E. F. M. Professor Edgardo Júlio



Fonte: Fernanda Ferreira Freire, 2018

Figura 2: Sala de aula



Fonte: Fernanda Ferreira Freire, 2018

Durante as aulas na sala pode-se ouvir alguns ruídos de outros alunos presentes fora da sala, mas não atrapalha muito o desenvolvimento da aula. A iluminação e ventilação é regular, algumas salas de aula tem janelas, mas às vezes ficam fechadas, assim não entra nem luz e nem ventilação natural. A iluminação artificial está boa, nas salas tem lâmpadas e funcionam bem, já a ventilação artificial apresenta problemas, nas salas de aulas tem ventiladores instalados, mas alguns deles apresentam defeitos e não funcionam.

A escola é formada por secretaria (figura 3), sala de professores, biblioteca porém os alunos não podem pegar livros emprestados e levar para casa, só podem usar na escola e com a presença de algum professor, e a biblioteca fica no mesmo ambiente que a sala dos professores (figura 4), sala de direção, cantina e refeitório local, onde os lanches são servidos. Perto da cantina tem o auditório, os alunos lancham nesse espaço e também estudam. Os banheiros são divididos em feminino e masculino e estes tem acessibilidade para os alunos, na escola tem dois bebedouros e área de lazer.

Figura 3: Secretaria



Fonte: Fernanda Ferreira Freire, 2018

Figura 4: Sala dos professores e biblioteca



Fonte: Fernanda Ferreira Freire, 2018

Tem-se ainda rampas com acessibilidade para que todos alunos independentes de suas limitações circulem pela escola. Há também um laboratório de informática, porém não é utilizado. Quanto aos recursos didáticos na escola, há computadores, data-show, televisão, DVD player, filmadora e também o globo terrestre, que podem ser utilizados por todo o corpo docente da escola.

3.2 Período de observação

O estágio foi realizado em grupo composto por quatro alunos do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB – Campos de Guarabira. Em nossa primeira visita a escola, a diretora da escola e a professora de Geografia nos receberam muito bem e permitiu que estagiássemos na escola, pois teve escolas que a professora não nos aceitou, alegando que os alunos ficavam muito agitados com a presença de estagiários. Neste dia ao final de suas aulas a professora de Geografia conversou um pouco conosco e foi bem atenciosa e combinamos o dia de iniciarmos nosso estágio.

Nosso estágio foi desenvolvido nas terças-feiras a tarde, dia da semana designado para realização do estágio supervisionado em Geografia III. As três primeiras semanas foram destinadas para observação. Tendo seu início no dia 02/10/2018.

Durante estas semanas de observação podemos acompanhar as aulas da professora em quatro turmas do ensino médio no período da tarde, a primeira aula foi no 2º ano, segunda aula no 3º ano “A”, terceiro e quarto horário no 1º ano “A”, quinto e sexto horário no 1º ano “B”. As aulas têm seu início às 13:00hs e termina às 17:30hs.

Os números de alunos variam em cada sala de aula, da mesma forma é a idade deles. Durante essas três semanas de observação, pudemos acompanhar a metodologia da professora, que desenvolveu suas aulas utilizando o livro didático, quadro branco e lápis.

Nas turmas do 1º ano “A” e “B” e no 2º ano a professora expôs o conteúdo com o auxílio do livro didático, passou atividades no quadro para os alunos responderem utilizando o livro, porém muitos alunos não levaram o livro didático, alguns alunos não escreveram a atividade, nem prestavam atenção nas explicações.

No terceiro ano também utilizou o livro didático para explanação do conteúdo e passou seminário para os alunos, deixando o tempo de uma semana para os alunos se prepararem. No dia da apresentação, alguns alunos não tinham se organizado, a professora deu uma nova oportunidade de apresentarem em outro dia. Os alunos que apresentaram o seminário sobre migração produziram cartazes com charges onde falaram sobre as diferentes formas de migração, sobre refugiados e também explicaram a charge qual tinham trazido em cartaz.

Na última semana de observação, quando a professora encerrou suas aulas conversou conosco, nos orientou qual conteúdos devíamos trabalhar em sala de aula e disponibilizou o livro didático, a parte ruim é que se tinha apenas um livro para o grupo de estagiário.

Durante estas três primeiras semanas acompanhando as aulas da professora notamos um grande desinteresse por parte dos discentes e falta de respeito com a professora. Durante as aulas conversavam muito e a professora tentava contornar essa situação, pedia que prestassem atenção, porém não demorava muito e começam de novo a conversar, alguns alunos ficavam mexendo no celular e com fone de ouvido durante a aula, teve situações em que alguns alunos falaram palavrões com a professora.

3. 3 Período de regência

Nossa regência teve início no dia 23/10/2018. Nesta primeira semana, nós fizemos uma atividade em sala de aula, para conhecer um pouco mais sobre os alunos. Colocamos três perguntas no quadro para os alunos produzirem um textinho respondendo às perguntas: quem sou eu? O que quero ser? E qual a importância da Geografia? Assim, conhecemos saber um pouco sobre eles e o que eles pensavam sobre a geografia.

A professora supervisora nos auxiliou disse que era para eles fazerem pois iria valer pontos e que nós estávamos ali como professores deles, pois a princípio alguns alunos não davam atenção para nós estagiários e não queriam fazer o que pedimos.

No segundo ano, quase todos os alunos fizeram a atividade, o que nos surpreendeu, pois a turma é grande e a maior parte dos alunos gostam de conversar durante as aulas, principalmente os alunos que sentam no fundo da sala, eles falaram sobre seus planos, alguns responderam abrindo seu coração com relação a sua vida

e seus planos para futuro outros foram bem objetivos, mas notamos depois lendo cada texto feito pelos alunos que quando chegava na pergunta sobre geografia eles não sabiam o que falar, outros diziam que aprendiam sobre clima, relevo, vegetação e também teve aqueles alunos que disseram que a geografia os ajudava em jogos online e outros que a geografia era normal.

O terceiro ano “A” foi a turma menos participativa poucos alunos fizeram a atividade que pedimos, muitos alunos passaram a aula conversando, mexendo no celular e não se importaram com o que pedimos.

No primeiro ano “A” e “B” os alunos foram bem participativos produziram o texto e nos entregaram. Como em outras turmas, os alunos dos primeiros anos também foram bem objetivos e quando falavam sobre a Geografia e sua importância alguns colocaram que não gostavam de Geografia, mas que era interessante estudar os mapas, o espaço, as regiões.

Ao final dessa aula, conversamos com a professora um pouco sobre o que os alunos escreveram. Ela falou também da sua vivência em sala de aula, como era cansativo e desmotivador ensinar a alunos que não se importam com os estudos, que vão à escola para brincar e conversar e que desrespeitam o professor.

Na segunda semana de regência o estágio foi realizado apenas nas turmas do 1 ano “A” no terceiro e quarto horário e 1 ano “B” no quinto e sexto horário, pois neste estágio a nossa professora da universidade nos propôs desenvolver um projeto de intervenção e estas foram as turmas quais passávamos mais tempo em sala de aula e teríamos tempo para ministrar o conteúdo e realizar o projeto.

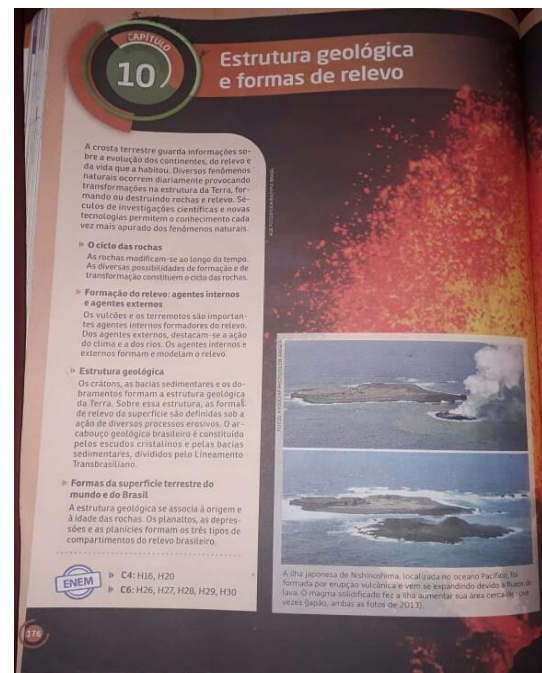
Nesta aula utilizamos o livro didático (figura 5), sendo que primeiramente planejamos uma leitura compartilhada sobre o conteúdo do capítulo 10 (figura 5), pois esperávamos que os alunos levassem os livros, porém nas semanas de observações já havíamos notado que muitos não levavam seu livro e durante nossas aulas não foi diferente, poucos alunos levaram o livro então fomos lendo e explicando e os alunos apenas escutando a leitura, colocamos alguns tópicos importantes no quadro para que os alunos anotassem.

Figura 5: livro didático do 1º ano



Fonte: Janikely César Rodrigues, 2018

Figura 6: capítulo 10 do livro didático



Fonte: Janikely César Rodrigues, 2018

Nesta aula continuamos os conteúdos do capítulo 10 e falamos sobre as formas de relevo e os agentes internos e externos responsáveis pela formação de diferentes relevos que compõe paisagens distintas. Explicamos o que são os agentes internos (ou agentes endógenos) que correspondem aos movimentos no interior da terra, provocando o deslocamento de matérias e, conseqüentemente, movimentando as placas tectônicas. Explicamos também os agentes externos (ou agentes exógenos) que correspondem aos elementos naturais que alteram as formas superficiais como, a água, a ação da chuva, vento e clima.

No decorrer da aula fizemos algumas perguntas para que os alunos falassem e expressarem o que já sabiam sobre o assunto, então perguntamos se eles sabiam quais eram os agentes responsáveis pela formação do relevo e teve um aluno que respondeu que só conhecia o agente de saúde, fiquei sem ação na hora, e não sabia o que falar, mas a aula continuou e meus colegas foram explicando, porém em muitos momentos das aulas os alunos ficavam de brincadeiras, não prestavam atenção, ficavam com conversas paralelas, mas também tinha aqueles discentes que eram dedicados.

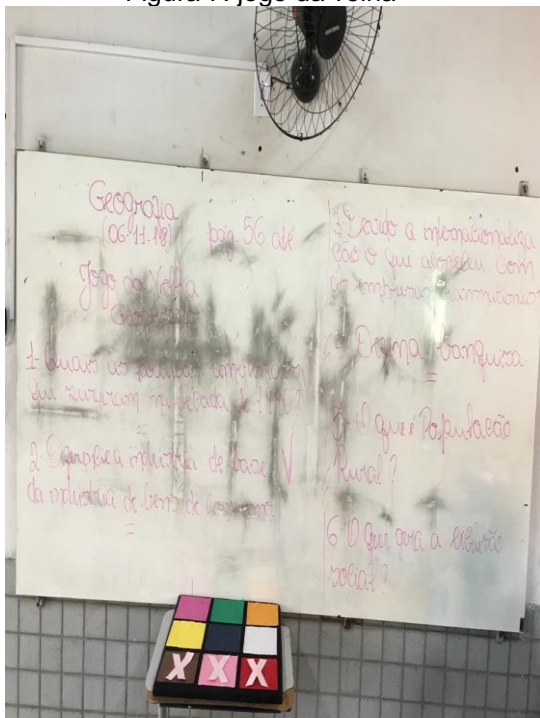
No terceiro dia de regência desenvolvemos nosso projeto de intervenção em sala de aula utilizando um recurso didático diferente, mas que possível de aplicar em diferentes escolas seja com grandes recursos tecnológicos disponíveis como também

em escolas com poucas ferramentas disponíveis. Por isso, decidimos usar o lúdico em sala de aula.

Para a realização desse projeto utilizamos o livro didático disponível na escola, quadro branco, lápis de quadro para a explanação do conteúdo e um jogo da velha (figura 7) que foi feito com isopor, EVA com cores diferentes e os X e O foram feitos folha de papel office.

Durante a aula brincamos com o jogo da velha geográfico (figura 7) no quadro colocamos seis perguntas referente ao conteúdo visto na aula anterior. Os alunos escreveram e responderam as questões em seus cadernos. Para a realização desse jogo explicamos como seria realizado e dividimos tanto os alunos do 1º Ano “A” como os alunos do 1º ano “B” em dois grupos. Sendo que um grupo ficou com o “X” e outro com “O” cada grupo escolhia uma cor e fazíamos as perguntas e o grupo que respondeu certo poderia jogar o jogo da velha (figura 8), enquanto o grupo que respondesse errado passaria a vez para o outro grupo.

Figura 7: jogo da velha



Fonte: Fernanda Ferreira Freire, 2018

Figura 8: alunos participando do jogo da velha



Fonte: Fernanda Ferreira Freire, 2018

Foi uma aula bem participativa e notamos que os alunos gostaram, pois se empenharam para responder certo e para brincar o jogo da velha. Ao final desta atividade a turma do 1º ano “A” teve uma equipe que errou uma questão e no 1º ano “B” tivemos um empate.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado é um momento de grande importância para os licenciandos, principalmente para os que tem a oportunidade de vivenciar a docência apenas durante esta componente curricular do curso durante a sua graduação. Sendo esta a oportunidade durante a formação inicial de refletir sobre a postura que o docente deve ter diante de uma sala de aula com alunos de idades, conhecimentos e personalidades diferentes.

Retornar a uma escola é um período muito significativo durante a formação pois será o seu futuro ambiente de trabalho, e a partir desse contato com a realidade da docência que podemos aprender na prática como se ministrar uma aula, a conduzir o tempo de forma que não ultrapasse o horário ou que à aula não acabe muito cedo, compreender a importância de planejar as aulas, estudar os conteúdos e buscar utilizar os recursos didáticos de forma que auxiliie a explanação do conteúdo.

Como também refletir sobre a relação professor e aluno, saber conduzir a indisciplina presente em sala de aula que infelizmente é uma realidade presente no trabalho docente. É a partir do contato com a sala de aula e relacionando a teoria com a prática que podemos refletir sobre a docência e o ensino e aprendizagem de Geografia.

A partir do Estágio Supervisionado em Geografia III que tive a oportunidade de estar em uma sala de aula do ensino médio e vivenciar como é ser docente nesta fase do ensino básico, onde senti muitas dificuldades assim como também senti estas dificuldades nos estágios anteriores, primeiro por ser tímida e o medo de errar, de não saber responder alguma pergunta feita pelos alunos, isso acaba atrapalhando no desenvolvimento do estágio.

Outro ponto que senti muita dificuldade é referente a entonação da voz pois falo muito baixo e os alunos não só do estágio III, mas também do estágio II, qual foi de observação e regência também falaram sobre isso mas apesar de todas inseguranças e medos é importante saber que é com os erros que aprendemos e só na prática, no dia a dia na escola e na sala de aula que o professor vai melhorando sua forma de ensinar.

Com relação ao conteúdo ministrado sentimos um pouco de dificuldade pois durante as aulas na universidade aprendemos a Geografia mais científica, já na escola temos que saber ter uma linguagem e desenvolver os conteúdos de uma forma mais

didática para que os alunos compreendam o que estamos ensinando. O projeto de intervenção que a nossa professora de estágio da universidade propôs que desenvolvêssemos nos proporcionou buscar novas metodologias e ministrar uma aula mais dinâmica utilizando o jogo da velha geográfico e que foi bem recebida pelos alunos e pudemos perceber que eles gostaram da aula e forma bem participativos.

Percebesse assim quanto é essencial e importante essa interação entre a teoria e a prática e trocas de conhecimento e experiencias com um professor formado que atua na educação básica possibilitando assim uma formação mais completa.

REFERÊNCIAS

- AQUINO JUNIOR, José. O aluno, o professor e a escola. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 78-85.
- BARBOSA, Maria Edivani. A geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. **Revista de ensino de geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 82-113, jan./jun. 2016.
- BENTO, Isabella Peracini. Ensino e aprendizagem em Geografia e os motivos dos alunos: a aposta do/ no lugar. **Boletim Goiano de Geografia (online)**, Goiânia, V. 35, n.1, p. 177-193, jan./abr. 2015.
- BRASIL, Ministério da Educação. Lei 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC, 1996.
- CALADO, Flaviana Moreira. Ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 12-20, jan./jun. 2012.
- CALLAI, Helena Copetti. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? São Paulo: **Terra Livre**, 2007. p. 133-152.
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAIS, Loçandra Borges de (Org.). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010, p. 15-37.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012.
- CEREJA, Cátia Adriana SESCO; FERNANDES, Guilherme R. L.; ESTÊVEZ, Laura F. Avaliação no processo: aprender ensinando. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 178-195.
- CHALITA, Ana Lucia. Ensinando geografia através do lúdico: uma proposta de aprendizagem significativa. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charles, da França; SANTANA FILHO, Manuel Martins. (Org.). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: consequência, 2015. p. 143-169.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- GATTI, Bernadet A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Edu. Soc*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010
- GONÇALVES JUNIOR, Francisco de Assis; FERRAZ, Viviani. Um diário da construção de respeito e afeto. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 86-93.

KLIMEK, Rafael Luiz Cecato. Como aprender geografia com a utilização de jogos e situações-problema. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI Romão; MALISZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 117-123.

LIMA, Maria das Graças de. Ensino de geografia e produção de videodocumentário. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 132-142.

MACENHAN, Camila; TOZETTO, Susana Soares; BRANDT, Celia Finck. Formação de professores e prática pedagógica: uma análise sobre a natureza dos saberes docentes. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 505-525, maio./ago. 2016.

MALYSZ, Sandra T. Estudo do meio. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 171-177.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. O estágio na licenciatura em geografia como um espaço de formação compartilhada. **Boletim Goiano de Geografia (online)**, Goiânia, v. 35, n.2, p. 237-253, maio./ago. 2015.

MELO, Fabiano Antônio de. Aulas tediosas, alunos alienados. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI Romão; MALISZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 94-100.

MOREIRA, Dimitri Salum; SILVA, Marcelo José da; FERREIRA Renato J. A didática da afetividade. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI Romão; MALISZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 72-77.

NISHIBA, Paulo Roberto; PUERTA, Lorena Lucas. Multimídia na escola: formando o cidadão numa “cibercultura”. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI Romão; MALISZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 124-131.

PAIVA, Rute Soares; SANTOS SOBRINHO, Djanni Martinho dos; COSTA, Maria Ivanúbia Lopes da. O ensino e o uso do livro didático: relato de experiência em estágio supervisionado em geografia. **Geotemas**, Pau de Ferros, Rio Grande do Norte, v. 3, n. 1, p. 69-80, jan./jun. 2013.

PARECER CNE/CP 9/2001-HOMOLOGADO- Despacho do Ministro em 17/1/2002, publicado no Diário Oficial da União de 18/1/2002, seção 1, p. 31.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTEL, Carla Silvia; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O papel dos professores na educação básica na formação inicial de alunos da licenciatura em geografia em períodos de estágio curricular. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charlles, da França; SANTANA FILHO, Manuel Martins. (Org.). **Ensino de geografia:**

produção do espaço e processos formativos. Rio de Janeiro: consequência, 2015. p. 49-63.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Políticas públicas na trajetória do ensino e da formação dos professores: a construção de conhecimentos. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Abílio de Sousa. (Org.). **Formação pesquisa e práticas docentes: reformulas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 433-453.

PUERTA, Lorena Lucas; NISHIDA, Paulo Roberto. Multimídia na escola: formando o cidadão numa “cibersociedade”. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 124-131.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. A mediação do conhecimento: a importância de se pensar o trabalho docente de geografia. In: _____; ANTUNES, Charles, da França; SANTANA FILHO, Manuel Martins. (Org.). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 11-29.

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 26-31.

SOARES, Sandra Regina; CUNHA, Maria Isabel da. A docência universitária e a formação para seu exercício. In: **formação do professor: a docência em busca de legitimidade**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 23-37.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 101-116.